

ANAIS

EICTI 2017

6° Encontro de
Iniciação Científica

2° Encontro de Iniciação
ao Desenvolvimento
Tecnológico e Inovação

4 a 6 de outubro de 2017

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)
Av. Tarquínio Joslin dos Santos, nº 1000
Foz do Iguaçu, Paraná – Brasil



Realização:



Apoio:



NA FRONTEIRA: MULHERES NEGRAS NAS ARTES

LÔBO, Jade Alcântara

Estudante do curso Antropologia - Diversidade Cultural Latino-Americana, bolsista IC-CNPq - ILAACH - UNILA;
Email: [jadealobo@gmail.com](mailto:jdealobo@gmail.com)

SOUZA, Angela Maria de

Docente/Pesquisadora do curso Antropologia - Diversidade Cultural Latino-Americana - ILAACH - UNILA;
Email: angela.souza@unila.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Na fronteira: Mulheres Negras nas Artes, é uma Pesquisa de Iniciação Científica que ultrapassa os limites do Estado-nação, buscando refletir sobre as populações afrodescendentes nos espaços de fronteira, a partir da cidade de Foz de Iguaçu e relações estabelecidas com as cidades de Ciudad del Este - Paraguai e de Puerto Yguazú – Argentina. O presente projeto surgiu considerando o contexto do Paraná, o estado mais negro do sul, possui 24,5% de sua população negra¹ e da cidade de Foz do Iguaçu que possui contingente populacional negro (pretos e pardos) de aproximadamente 90 mil habitantes, de maioria mulheres (IBGE, 2010).

Dessa forma, a mulher negra na/da fronteira, possui papel político que marca as ações da população negra na região e a partir desta perspectiva pretendeu-se especificar este olhar da pesquisa em direção às distintas formas de atuação destas mulheres, especificamente na produção artístico-cultural compreendendo o processo de atuação destas para a construção de seu posicionamento enquanto mulheres negras na região. Além disso, mediante a situação de falta de apoio em que vivem estas artistas, foi estabelecida aproximação destas mulheres com os espaços de educação - através de ações que foram realizadas no Colégio Estadual Arnaldo Busatto - localizado no bairro Três Lagoas, região periférica de Foz do Iguaçu e que conta com a maioria dos estudantes da zona rural - no intuito de estabelecer uma relação de respeito e reconhecimento de todos neste ambiente com a cultura afro-brasileira e indígena, trabalhando com a Lei 10.639/11.645.

2 METODOLOGIA

A primeira parte do projeto foi de pesquisa bibliográfica sobre negritude, mulheres negras, arte e educação (Gonzales, 1983, Hooks, 2008, Davis, 1981, etc). Em seguida realizou-se uma aproximação com a população através do método

1 Dado encontrado no livro Paraná Negro, da FUNPAR (Fundação da Universidade Federal do Paraná), 1. ed. Curitiba: 2008. A obra reúne pesquisas realizadas pelo Grupo de Trabalho Intersecretarial do Governo do Paraná

etnográfico Geertz (1989), com trabalho de campo, baseado principalmente na observação participante nos espaços artístico-culturais na região de Foz do Iguaçu, onde essas mulheres se encontram e atuam no contexto de fronteira. A prática da observação etnográfica dos espaços de ações destas mulheres juntamente com a interação foi determinante, a pesquisa/extensão tornou-se a maneira de realizar o trabalho de campo a partir de uma relação estabelecida entre mulheres negras. Nesse sentido, além do agir conjuntamente, através de diálogos, convivência e observação participante, foram realizadas entrevistas com 8 moças relevantes para o cenário artístico-cultural afrobrasileiro da cidade. Para tal, foi assumida uma perspectiva da *antropologia simétrica* (Latour, 2008) e *antropologia reversa* (Wagner, 2010), desobjetificando a categoria do “outro”, a entendendo como capazes de antropologizar e elaborar sua própria teoria sobre a interação do campo, devendo assim ser tratado em uma relação de equidade. Depois, a presença dessas moças na escola se deu através da interação com os estudantes trabalhando a arte enquanto ferramenta transgressora de uma educação tradicional, racista e europeizada, e veículo para uma tentativa de criação de um processo de reconhecimento respeito e empatia com a diversidade e com a cultura afrobrasileira e indígena.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com os dados do IBGE (2014a), 53,6% dos brasileiros se declararam pretos e pardos, ou seja representam mais do que a metade da população brasileira. Contudo, estes são os 76% dos 10% mais pobres do país, recebem 40% menos que os brancos, possuem índices de desemprego 50% mais elevado que estes, além de possuírem 1,6 menos anos de estudos e um índice de mortalidade infantil 40% maior que os dos brancos segundo a UNICEF (2014a). Os dados da desigualdade racial juntamente com o resultado do estudos da Comissão Parlamentar de Inquérito - CPI² em 2016 que confirmam que um jovem negro é assassinado a cada 23 minutos, revelam o *racismo por denegação* (Gonzalez, 1988), uma forma sofisticada do racismo que nega as heranças e a presença da população negra e indígena na América Latina.

Esse racismo existe além do preconceito de pessoas brancas, ele é institucional, está presente na negação de certos espaços à pessoa negra que dificultam o acesso dessas pessoas à direitos fundamentais (segundo a Constituição Brasileira de 1988, atualmente vigente: direito à vida, liberdade, igualdade, segurança, propriedade, educação, saúde, alimentação, trabalho, etc.).

O racismo institucional constitui a forma mais sofisticada e bem-acabada do preconceito, envolve o aparato jurídico institucional, e está presente em todos os segmentos sociais. Tendo sua existência mais demarcada no plano macro, o racismo institucional é o principal responsável pela reprodução ampliada da desigualdade no Brasil. Estudos realizados nos últimos anos demonstram a perversa existência do racismo institucional, com destaque para as áreas de educação e saúde. (CPI, 2016, p.29).

2 CAMÉRA DOS DEPUTADOS. CPI Assassinato de Jovens. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2016/06/08/veja-a-integra-do-relatorio-da-cpi-do-assassinato-de-jovens>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

A mulher negra além de sofrer com o racismo, vivencia diariamente os efeitos do patriarcado, “sistema sexual do poder, com a organização hierárquica masculina da sociedade que se perpetua através do matrimônio, da família e da divisão sexual do trabalho” (Costa, 1998, p.30). Logo, esta sofre uma tripla opressão de gênero, raça e classe. (Garcia, 2012) Está última, ocorre uma vez que a maioria da população empobrecida é negra e feminina, os dados do IBGE (2014b) apontam que o rendimento de mulheres negras representam 35% do rendimento de homens brancos e 52% do de mulheres brancas.

Assim, estudar a atuação dessas moças nas suas formações de posicionamento enquanto mulheres negras é entender como resistem a todo esse sistema que as impõe uma série de não espaços e obstáculos, e no caso dessa pesquisa, compreender como vinculam essa resistência à sua expressão artística.

4 RESULTADOS

Durante os trabalhos de campo e vivências com as mulheres negras artistas da região, percebeu-se que a arte funciona como mecanismo de resistência e expressão de seus sentimentos de vivência do ser mulher negra em uma fronteira permeada de conflitos sociais. Existe uma falta de acolhimento da cidade com o projeto multicultural: viver de arte em Foz do Iguaçu não gera muitas recompensas financeiras, para todas as moças que participaram desta pesquisa é de costume terem de tirar do seu próprio bolso para poder manter um projeto ou realizar um trabalho artístico que muitas vezes não é acolhido pela comunidade da região. Manifestações culturais afrobrasileiras são pouco valorizadas na região, não só por poucos incentivos financeiros mas pela falta de participação da comunidade em eventos afrobrasileiros em oposição a eventos tradicionais da cultura hegemônica branca do sul do país.

Os variados grupos étnicos que moram na cidade não possuem o costume de se encontrar, uma hipótese é a falta de centros de convivência, e a disposição geográfica da cidade que possui bairros extremamente afastados e com seu pequeno centro comercial o que dificulta a convivência entre esses grupos. Esse distanciamento afeta também o relacionamento entre as pessoas dos países da tríplice fronteira que é muito mais pontual e comercial, dependendo de fatores como o preço do dólar, salve algumas poucas tentativas de integração como o evento *Café com Teatro*³ produzido por uma das entrevistadas. Existem outras manifestações de cultura afro brasileira e indígena não necessariamente lideradas por corpos negros ou indígenas e que são criticados por estas moças por fazerem essa separação do cultural e ativismo o que causa uma descontextualização e esvaziamento do significado de muitas dessas expressões carregadas de resistência, simbolismo e que ocupam um lugar central na vida destas pessoas. Durante a parte do projeto em sala de aula percebeu-se também que as crianças não tiveram contato com elementos básicos da luta negra como quilombo, e com figuras importantes como Zumbi e Dandara; contudo estas são bastante receptivas e acolhedoras com o projeto.

³ Evento mensal que ocorre no Teatro Barracão de Foz do Iguaçu e reúne manifestações culturais dos três países da fronteira: Brasil, Argentina e Paraguai, comidas de diversos regiões do mundo.

5 CONSIDERAÇÕES

A cultura brasileira é repleta da presença afrobrasileira e dos povos originários mas estas são muito mais aceitas quando seus precursores são figuras embranquecidas. O Paraná é o estado mais negro do sul do país contudo estes povos se encontram invisibilizados através do racismo institucional. Neste cenário o papel artístico transgressor das mulheres negras na fronteira é de suma importância como ferramenta política. O ser artista não é separado do ser político para estas mulheres, o resistir é cotidiano, a luta pela resistência feminina e antirracista é diária e parte essencial de suas vivências. Notoriamente essas moças utilizam de sua criatividade e expressão artística como maneira de passar para a comunidade um pouco de sua cultura, resistindo a cultura branca hegemônica, e transbordando além de sua realidade, tornando real suas vontades e anseios por uma sociedade onde haja equidade em suas relações através de sua participação e ocupação de espaços.

6 PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Ana Alice. Donas no poder: mulher e política na Bahia. Salvador, 1998. Col. Bahianas.

GARCIA, Antonia do S. Mulher Negra e o direito à Cidade: relações raciais e de gênero. In: SANTOS, Renato Emerson do. Questões Urbanas e Racismo. Brasil, 2012, pp. 134- 163.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios. Rio de Janeiro: 2014. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2017.

IBGE. Estatísticas de Gênero: Uma Análise dos Resultados do Censo Demográfico de 2010. Rio de Janeiro: 2014. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88941.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

UNICEF. Infância e Adolescência no Brasil. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/pt/activities.html>>. Acesso em: 10 jun. 2017.